

CANDIDATO GRACAS A RORIZ

Cristovam teme que a campanha não se mantenha no nível da disputa de 94, entre ele e o ex-senador Valmir Campelo. "As pressões que Roriz vai sofrer do PMDB para usar mecanismos absolutamente indecentes serão muito fortes, não sei se ele resistirá".

Embora a mea-culpa não seja um termo comum no vocabulário do governador, ele admite, depois de três anos, que errou ao dar reajuste para professores e médicos e não para os servidores da administração direta. Agora talvez seja tarde para o reajuste — o que comprometeu sua relação com os sindicatos, sua base eleitoral. "Mas espero mudar essa relação. Eu amadureci e os sindicatos também", acredita.

Outro momento difícil admitido pelo governador foi a fuga do tenente da PM Osmarinho Silva, seqüestrador da filha do seu arqui-inimigo deputado Luiz Estevão (PMDB). "Foi um momento de profunda vergonha para o governo". Mas no balanço final, Cristovam só vê realizações em sua administração: "Este é um governo gerindo: fazendo, construindo, inventando".

Correio — O que o deixou satisfeito e o que ainda está por fazer?

Cristovam — Consequimos mudar a mentalidade do Distrito Federal. Hoje o DF tem uma idéia de participação, respeito o trânsito, entende o que é democracia. É claro que essa nova mentalidade não se estende a todos. Uma parcela da população continua presa à idéia dos lotes. Não consegui entender que não tem mais farra de lotes. Até o barbeiro do presidente FHC perguntou a ele se não poderia ajudá-lo a ter um lote.

Correio — O PT mudou a cabeça dos empresários?

Cristovam — Eles passaram a entender que PT não é bicho-papão. Até alguns anos atrás a imagem de Brasília era a corrupção, o conchavo político. Hoje é de um estado com soluções criativas.

Correio — Por que isso não se reflete no apoio à sua candidatura?

Cristovam — Acho que esse governo não conseguiu ainda vincular as coisas que ele faz ao meu nome pessoal.

Correio — Como se acaba com a mentalidade dos lotes?

Cristovam — Tempo, educação e firmeza. Tem muita gente que deve ser tentada, para ganhar a eleição, a distribuir lotes. Não vou cair nessa tentação.

Correio — Quais as promessas que o senhor não vai poder cumprir?

Cristovam — Eleição de administradores.

Correio — E a remoção da Estrutural?

Cristovam — Nunca marquei data. Eu dizia como seria. Estamos retirando 20 famílias por semana.

Correio — É quando vai acabar?

Cristovam — Não vou dizer. Não me comprometo. Eu nunca disse que iria retirar toda. Só tem a eleição dos administradores. Com essa oposição usando mundos de dinheiro para comprar tudo, fazer eleição nos moldes tradicionais seria um equívoco.

Correio — Como o senhor vai se comportar em relação ao uso da máquina nas eleições?

Cristovam — Estou analisando as alternativas. Vou fazer de uma maneira que será impossível usar a máquina.

Correio — Nas últimas substituições feitas no governo parlamentares reivindicaram postos para terem máquina na mão.

Cristovam — Quais, por exemplo?

Correio — Deputados do PT afirmaram que Euripedes Camargo precisava de um cargo para ter máquina no governo.

Cristovam — Nunca houve isso.

Correio — O senhor não acha que foi um erro não atrelar seu nome aos programas?

Cristovam — Erro eleitoral? Não vou me preocupar com erro eleitoral. Me preocupo em botar menino na escola. Quando esses meninos ficarem adultos só vão votar em gente como eu. Nem serei eu, mais. Não vou querer mais ser candidato daqui a 15 anos.

Correio — A sua última tentativa será a próxima?

Cristovam — Não sei nem se vou tentar na próxima.

Correio — O senhor ainda tem esperança de ser candidato a presidente?

Cristovam — Nunca houve isso.

Correio — O PSB entende o seu discurso e o seu partido não.

Cristovam — O meu papel é fazer com que o meu partido entenda ou que eu descubra que meu discurso está errado. O meu partido é o meu partido e eu vou continuar nele. Não tenho nenhum interesse de ser alternativa fora do meu partido.

Correio — O PT está na contramão?

Cristovam — Um partido que tem o tamanho do PT não pode mudar na velocidade dos partidos pequenos. Quem tiver pressa não fique no PT. Eu não tenho nenhuma pressa.

Correio — Pode ser candidato em 2002, por exemplo?

Cristovam — Ou não ser candidato. Não entrei no PT para ser candidato.

Correio — Mas agora o senhor está aí, pegou gosto pela coisa...

Cristovam — Entrei no PT para ajudar o Lula, que me chamou, em 1990, até porque em 1989 eu votei em Brizola.

Correio — Qual o adversário mais difícil em 98?

Cristovam — Volto a insistir que nós teremos uma polarização: a esquerda e Roriz.

Correio — Quem é a esquerda?

Cristovam — Todos os partidos que estiverem no segundo turno de 94, menos o PSDB e o PPS.

Correio — A terceira via não existe, então?

Cristovam — PSDB e PPS vão estar numa terceira via, mas no processo vão ceder caminho para a radicalização que surgirá. Polarização há em todo canto, especialmente no DF que é muito politizado ou muito fisiológico. Uma parcela é fisiológica e outra é politizada.

Correio — Politizado é quem vota no PT?

Cristovam — Não, tem gente politizada que vota no Roriz. E os fisiológicos não votam na gente.

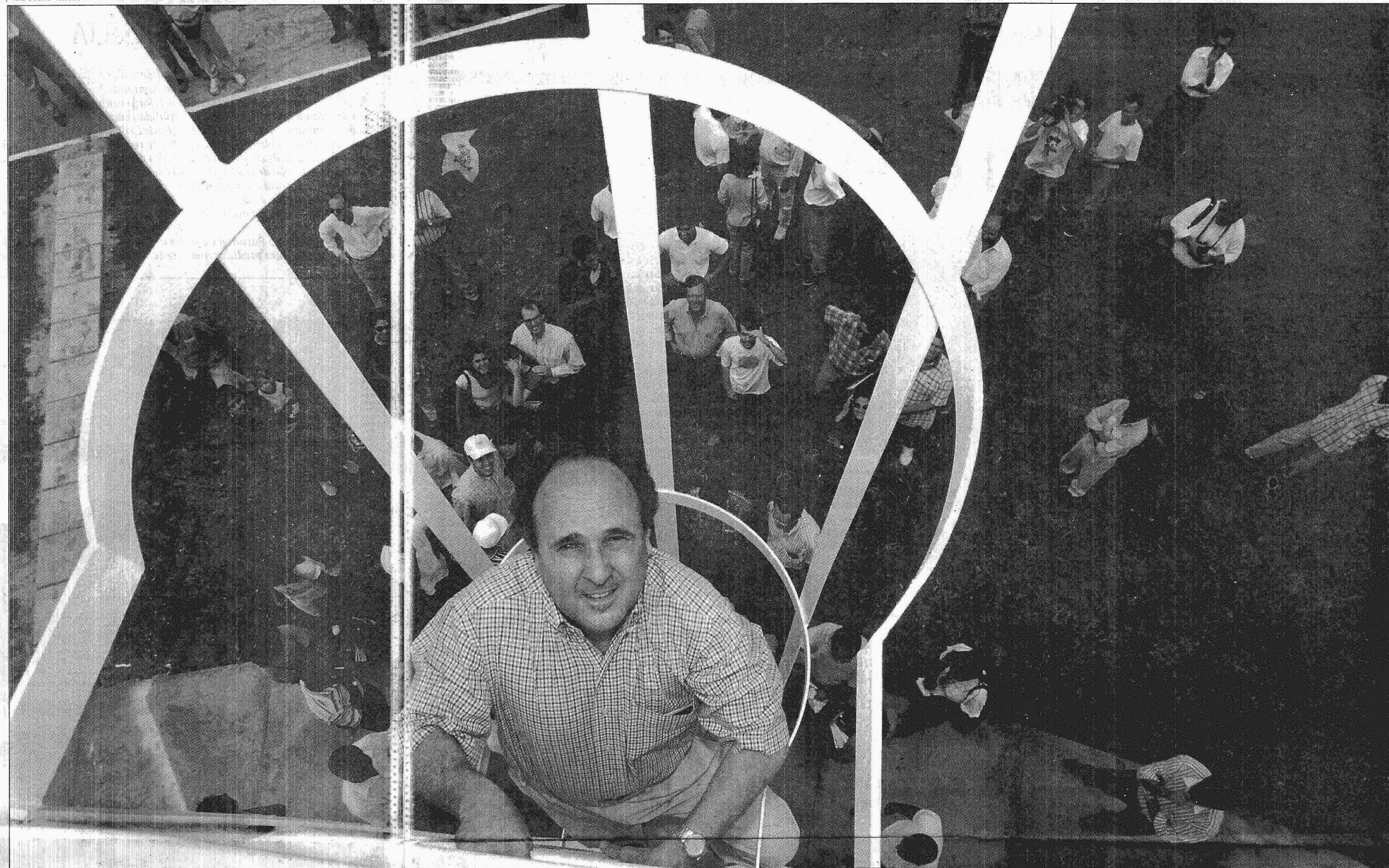
Correio — Quatro partidos da Frente formam um bloco que está entre o PT e o PPS. O que o senhor está fazendo para mantê-los junto com o PT?

Cristovam — Nenhum lugar no Brasil conseguiu manter por tanto tempo uma frente tão ampla como esta. Esse é um dos maiores méritos do meu governo. E vamos falar com franqueza: um mérito muito pessoal meu. A saída do PPS não foi uma ruptura com o governo. O PPS saiu por uma questão de afirmação partidária.

Correio — O senhor quer ser governador de novo?

Cristovam — Quer ser uma coisa

Tina Coêlho 18.10.97



ESFORÇO — "Não vou deixar que fique na História que, por questões pessoais, entreguei o Distrito Federal à volta do pesadelo de antes. Eu não fujo de batalha. Por isso quero ser candidato"

Correio — Mas agora o senhor está aí, pegou gosto pela coisa...

Cristovam — Entrei no PT para ajudar o Lula, que me chamou, em 1990, até porque em 1989 eu votei em Brizola.

Correio — Qual o adversário mais difícil em 98?

Cristovam — Volto a insistir que nós teremos uma polarização: a esquerda e Roriz.

Correio — Quem é a esquerda?

Cristovam — Todos os partidos que estiverem no segundo turno de 94, menos o PSDB e o PPS.

Correio — A terceira via não existe, então?

Cristovam — PSDB e PPS vão estar numa terceira via, mas no processo vão ceder caminho para a radicalização que surgirá. Polarização há em todo canto, especialmente no DF que é muito politizado ou muito fisiológico. Uma parcela é fisiológica e outra é politizada.

Correio — Politizado é quem vota no PT?

Cristovam — Não, tem gente politizada que vota no Roriz. E os fisiológicos não votam na gente.

Correio — Quatro partidos da Frente formam um bloco que está entre o PT e o PPS. O que o senhor está fazendo para mantê-los junto com o PT?

Cristovam — Nenhum lugar no Brasil conseguiu manter por tanto tempo uma frente tão ampla como esta. Esse é um dos maiores méritos do meu governo. E vamos falar com franqueza: um mérito muito pessoal meu. A saída do PPS não foi uma ruptura com o governo. O PPS saiu por uma questão de afirmação partidária.

Correio — O senhor quer ser governador de novo?

Cristovam — Quer ser uma coisa

Correio — Mas agora o senhor está aí, pegou gosto pela coisa...

Cristovam — Entrei no PT para ajudar o Lula, que me chamou, em 1990, até porque em 1989 eu votei em Brizola.

Correio — Qual o adversário mais difícil em 98?

Cristovam — Volto a insistir que nós teremos uma polarização: a esquerda e Roriz.

Correio — Quem é a esquerda?

Cristovam — Todos os partidos que estiverem no segundo turno de 94, menos o PSDB e o PPS.

Correio — A terceira via não existe, então?

Cristovam — PSDB e PPS vão estar numa terceira via, mas no processo vão ceder caminho para a radicalização que surgirá. Polarização há em todo canto, especialmente no DF que é muito politizado ou muito fisiológico. Uma parcela é fisiológica e outra é politizada.

Correio — Politizado é quem vota no PT?

Cristovam — Não, tem gente politizada que vota no Roriz. E os fisiológicos não votam na gente.

Correio — Quatro partidos da Frente formam um bloco que está entre o PT e o PPS. O que o senhor está fazendo para mantê-los junto com o PT?

Cristovam — Nenhum lugar no Brasil conseguiu manter por tanto tempo uma frente tão ampla como esta. Esse é um dos maiores méritos do meu governo. E vamos falar com franqueza: um mérito muito pessoal meu. A saída do PPS não foi uma ruptura com o governo. O PPS saiu por uma questão de afirmação partidária.

Correio — O senhor quer ser governador de novo?

Cristovam — Quer ser uma coisa

Correio — Mas agora o senhor está aí, pegou gosto pela coisa...

Cristovam — Entrei no PT para ajudar o Lula, que me chamou, em 1990, até porque em 1989 eu votei em Brizola.

Correio — Qual o adversário mais difícil em 98?

Cristovam — Volto a insistir que nós teremos uma polarização: a esquerda e Roriz.

Correio — Quem é a esquerda?

Cristovam — Todos os partidos que estiverem no segundo turno de 94, menos o PSDB e o PPS.

Correio — A terceira via não existe, então?

Cristovam — PSDB e PPS vão estar numa terceira via, mas no processo vão ceder caminho para a radicalização que surgirá. Polarização há em todo canto, especialmente no DF que é muito politizado ou muito fisiológico. Uma parcela é fisiológica e outra é politizada.

Correio — Politizado é quem vota no PT?

Cristovam — Não, tem gente politizada que vota no Roriz. E os fisiológicos não votam na gente.

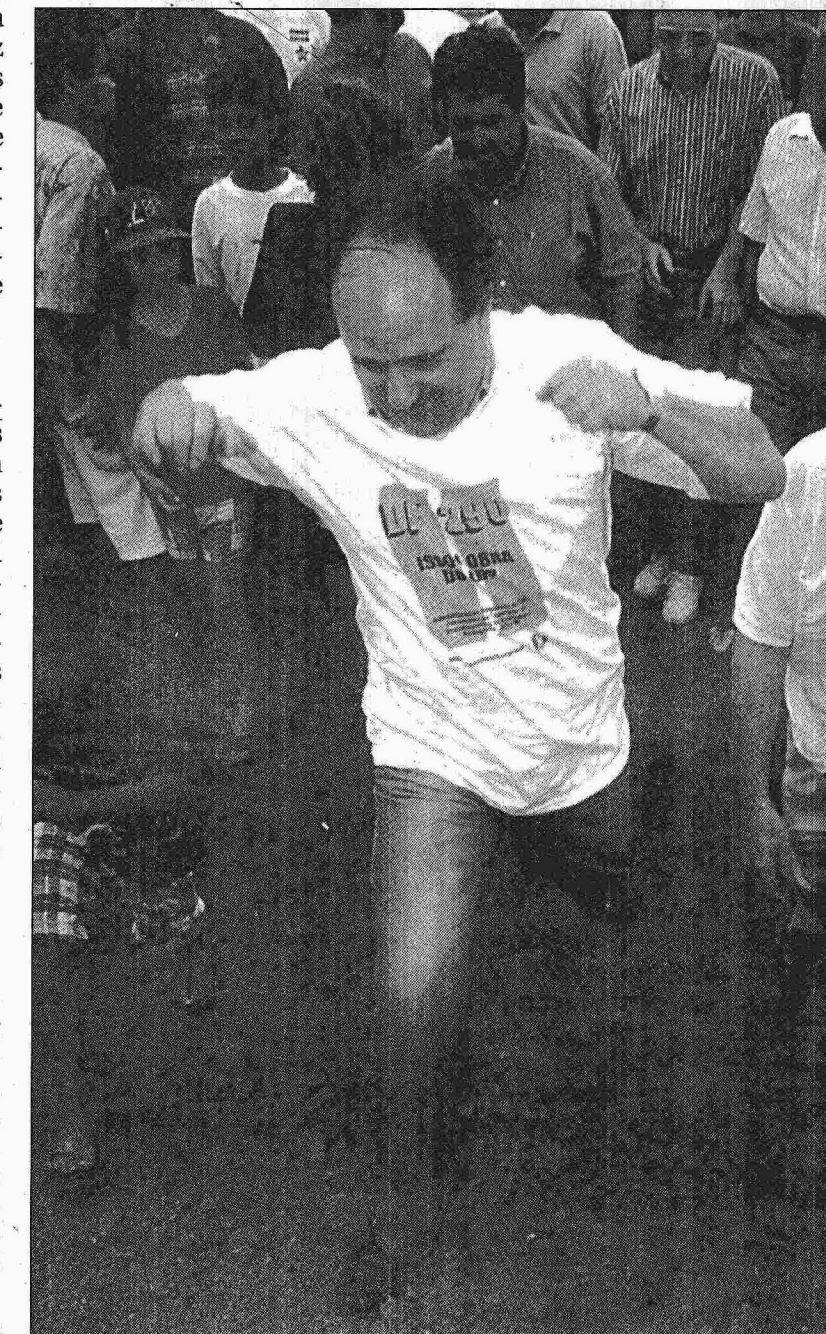
Correio — Quatro partidos da Frente formam um bloco que está entre o PT e o PPS. O que o senhor está fazendo para mantê-los junto com o PT?

Cristovam — Nenhum lugar no Brasil conseguiu manter por tanto tempo uma frente tão ampla como esta. Esse é um dos maiores méritos do meu governo. E vamos falar com franqueza: um mérito muito pessoal meu. A saída do PPS não foi uma ruptura com o governo. O PPS saiu por uma questão de afirmação partidária.

Correio — O senhor quer ser governador de novo?

Cristovam — Quer ser uma coisa

Raimundo Paccó 30.11.97



CAMPANHA "Vou encontrar uma maneira de tornar impossível o uso da máquina administrativa na campanha eleitoral"

trange até hoje.

Correio — Que outro momento crítico o senhor destacaria?

Cristovam — As mudanças de secretariado que fiz em janeiro de 95. Tomei as decisões sozinho e, aliás, foi este um dos motivos da saída de Hélio Doyle (ex-secretário de Governo), porque não admitia que eu fizesse reforma sem a opinião dele. Tirei as decisões de minha cabeça e não me arrependo. Todas as mudanças que fiz sem consultar ninguém deram certo. As outras foram a saída do Hélio e o Protocolo de Intenções.

Correio — Hélio Doyle também foi contra o reajuste só para duas categorias, não foi?

Cristovam — É verdade. O Hélio me alertou sobre o risco daquele aumento. Ele teve a ouseira de dizer isso.

Correio — Quem o alertou em relação aos riscos da assinatura do Protocolo?

Cristovam — O Protocolo fiz da minha cabeça mesmo. E na minha cabeça pensei tudo que daria de confusão. Por isso, negocieei três meses com o Governo Federal. E também por isso não assinei a privatização da Caesb, da CEB e do BRB.

Correio — O protocolo comprometeu sua relação com os sindicatos?

Cristovam — Comprometeu. Eu espero recuperar. Eu amadureci e os sindicatos também. O importante é esse amadurecimento mútuo. No começo comprei muita briga ideológica com os sindicatos. Eu fui mais professor do que governador e político.

Correio — O senhor hoje é mais político?

Cristovam — Hoje eu converso mais, dialogo mais. Digo menos coisas à imprensa...

Correio — Está mais moderado?

Cristovam — Estou mais responsável politicamente.

Correio — O senhor é melhor político ou administrador?

Cristovam — Não existe separação. Você não administra se não for político em um regime democrático. E o político que não consegue administrar bem para realizar seus projetos também não é bom.

Correio — Que nota o senhor se dá?

Cristovam — Não dou nota. Análise o que realizei comparado ao que me propus. Realizei tudo o que eu tinha previsto. Em 94 a gente tinha o pesadelo do turno da fome, hoje a gente tem o sonho da Escola Candanga. Tínhamos uma quantidade imensa de crianças fora da escola, hoje temos a Bolsa Escola. Tínhamos o pesadelo dos assentamentos sem água, com os esgotos correndo. Hoje temos o sonho de Samambaia inaugurando uma estação de tratamento.

Correio — Esse governo não tem defeitos?

Cristovam — Tínhamos o pesadelo de um BRB que trabalhava apenas para gente em Goiás, hoje temos o BRB Trabalho. Tínhamos o Metrô parado, hoje ele está em construção. Os hospitais sem remédio, sem esparadrapo; hoje o Saúde em Casa. No lugar da farra dos lotes, o sonho da regularização. Essa é a realização deste governo: sair de uma porção de pesadelos para um sonho. O sonho em realização. Esse é um governo gerindo: fazendo, realizando, construindo, inventando. E o gerúndio é inconclusivo.

Correio — É por isso que o senhor quer ficar mais quatro anos?

Cristovam — É por isso que eu quero que a frente continue no poder no DF.

Correio — Por que na periferia a aprovação ao seu governo é menor?

Cristovam — É onde a gente tem investido mais e repercute menos eleitoralmente. Lá ainda há a cultura do favor pessoal, e o meu governo não faz favor pessoal.

Correio — As 22 mil mães da Bolsa Escola não entenderam que esse governo é um sonho, como o senhor está dizendo?

Cristovam — Ainda não.

Correio — Seu tempo está acabando...

Cristovam — Eu não vou administrar o meu governo com base na data fatídica de 3 de outubro de 1998. Tenho uma estratégia de governo, não uma estratégia eleitoral. Ficarei com meu humor muito afetado se eu tiver que mudar o meu projeto para ganhar a eleição. Ou fazer o que os marketeiros querem fazer com os outros, me transformar num sabonete. Não vou ter marketeiro.

Correio — O senhor já não contratou um, o Paulo de Tarso?

Cristovam — Ele é publicitário, não é marketeiro. Conversar com publicitário eu vou. Mas nenhum marketeiro vai me transformar num sabonete para vender. E tenho a impressão de que quem tentar virar sabonete não vai se dar bem, porque a opinião pública do DF, e até o povo, que está mais preso ao sistema anterior, não gosta de sabonete.

Correio — Tem algum candidato sabonete aqui?

Cristovam — Pelo que li nos jornais, tem candidato que já contratou publicitário especialista em fazer sabonete. Esse Duda Mendonça é um deles. Aliás, eu acho que a campanha, aqui, na verdade, vai ser eu contra Duda Mendonça.

Correio — E Cristovam via ser o seu próprio marketeiro?

Cristovam — Não, eu vou ser eu. Não sou um bom marketeiro. Todo mundo diz que meu governo é muito melhor do que a imagem que existe dele.

Correio — Por que o senhor contra Duda Mendonça?

Cristovam — É Duda quem vai fazer o candidato Roriz. E a mim ninguém vai fazer. Não vou repudiar nada do que fiz.

Correio — É provável que o governo feche o ano sem resolver um problema que deixou sua imagem muito ruim, o seqüestro de Cleucyzinha...

Cristovam — Foi um momento de profunda vergonha, um momento constrangedor para o governo.

Correio — Como o senhor imagina que será sua relação com a oposição em 98?

Cristovam — Não tenho nenhuma esperança de que ela passe a ter um comportamento comprometido com a cidade. É uma oposição comprometida apenas com os interesses mesquinhos específicos dela, e que não tem nenhum constrangimento em usar qualquer tipo de instrumentos, inclusive os mais absurdos, como ter polícia privada servindo a ela.

Correio — E a campanha, terá um bom nível?

Cristovam — Não tenho a menor idéia de como vai ser. Acho que Roriz, Arruda e Augusto e eu podemos manter um bom nível, inclusive o Roriz. Mas as pressões que ele vai ter para usar mecanismos absolutamente indecentes serão muito fortes, não sei se ele resistirá.

Correio — Mecanismos indecentes?

Cristovam — Espionar a vida da gente, como fizeram com minhas filhas, escutas telefônicas, ir a Recife espionar minha vida, como foi feito. Isso é perigoso que degenera. O PMDB usou um cara para fazer aruação em manifestação de estudante, um cara que depois foi preso como seqüestrador. Um PMDB que usa um cara que vira seqüestrador é capaz de tudo numa campanha.

Correio — De onde vem sua implicância com os jornalistas?

Cristovam — Não é implicância, é inveja, porque eu gostaria mesmo era de ser jornalista e meter o pau no governador.